

O ENCONTRO DA CLÍNICA DO AUTISMO COM OS FUNDAMENTOS BENVENISTEANOS

Lorena Grace Alves do Vale ¹
Isabela B. do Rêgo Barros ²

RESUMO

Propomos discutir os princípios epistemológicos da teoria enunciativa de Benveniste presentes na clínica fonoaudiológica que trata o autismo, a partir de recortes enunciativos oriundos da clínica. O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo bibliográfico onde pretendemos reunir discussões entre diversos autores quanto aos princípios epistemológicos de Émile Benveniste, que indicam condições de possibilidades de refletir a linguagem do autista no contexto da clínica fonoaudiológica, sob o fio condutor da teoria enunciativa. Apresentaremos recortes enunciativos de momentos de interação entre uma criança com 7 anos de idade e com diagnóstico de autismo, diante de sua fonoaudióloga. As máximas benvenistianas põem o homem no centro da língua/linguagem e permite-nos perceber o movimento linguístico singular do sujeito diagnosticado com o transtorno, embora o autor não tenha dedicado seus estudos à fala desviante. Nesse aspecto, pensar no que acontece com a linguagem, a língua e o falante, nos obriga a refletir sobre as bases epistemológicas que fundamentariam uma clínica que comporta reflexões oriundas da interlocução entre a Fonoaudiologia e a Linguística, quando o que está em jogo é a linguagem e o sujeito que sofre pelo efeito de uma condição sintomática. Aproximamo-nos de uma clínica que destaca o papel constitutivo da linguagem ao considerar a importância do sujeito e a sua relação com a linguagem, para pensar em uma clínica enunciativa, herdeira da tradição benvenistiana, na qual falar é sempre falar para o outro e onde o sujeito se refaz se tornando efeito a cada novo uso da língua. O ponto de chegada da discussão é que a epistemologia de Benveniste inaugura uma cisão do que já era conhecido na linguística. Concordamos com Fiorin (2017, p. 971) que “a questão mais importante que Benveniste formula, em seus estudos de linguística geral, é aquela que possibilita passar da língua para a fala” e suscita um conjunto de categorias: a pessoa, o espaço e o tempo, que Benveniste vai chamar de aparelho formal da enunciação. Diante da evidência enunciativa, acreditamos que ela é necessária às línguas, pois todas precisam ser enunciadas, torna-se uma necessidade, visto que as categorias de pessoa, tempo e espaço assumem formas específicas em diferentes línguas. A clínica, influenciada pelos preceitos teóricos da linguística enunciativa benvenistiana, retoma seu objeto de estudo, a linguagem, pelo véis daquele que fala, não apenas e tão somente, pelo sintoma. Há, portanto que se pensar no direcionamento do olhar fonoaudiológico à tríade sujeito-língua-linguagem no sentido de um só corpo que se comporta e ocupa lugares únicos a cada vez que a língua/linguagem é posta em ação.

Palavras-chave: Enunciação; língua; linguagem; autismo.

¹ Doutoranda do Curso de Ciências da língua da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, lorenagadvale@gmail.com;

² Profª. Drª do Curso de Ciências da língua da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, isabela.barros@unicap.br;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso que pretendemos reunir discussões entre diversos autores quanto aos princípios epistemológicos de Émile Benveniste, que indicam condições de possibilidades de refletir a linguagem do autista no contexto da clínica fonoaudiológica, sob o fio condutor da teoria enunciativa. Apresentaremos recortes enunciativos de momentos de interação entre uma criança com 7 anos de idade e com diagnóstico de autismo, diante de sua fonoaudióloga:

Sabemos que embora o autismo venha sendo estudado desde a década de 1940, quando foi descrito pela primeira vez por Leo Kanner (1943), algumas das áreas afetadas pelo transtorno, entre as quais a linguagem, ainda são campos de embates quanto à direção do tratamento. Acreditamos, porém, que a polêmica encontra-se fundamentada na falta de entendimento sobre a língua/linguagem e sua relação com o sujeito.

Haja vista a amplitude das áreas afetadas no autismo e suas repercussões importantes no desenvolvimento global da criança, concordamos com a afirmativa de Lier-DeVitto e Fonseca (2001) segundo a qual devemos afastar nosso olhar da causalidade patológica e focar no compromisso com a fala do sujeito, afinal, antes do diagnóstico há um sujeito que se constitui no domínio do verbal e que mantém relações únicas com seus pares.

No entanto, nós não conseguimos falar sobre a linguagem, a não ser a partir da experiência que vemos no outro, ou seja, a aquisição de linguagem formula ao linguista questões metalinguísticas. Nessa perspectiva, dispomos de uma vastidão autores que discorrem sobre o tema, muito embora acreditamos não ser fácil pensar quanto a linguagem, nem língua, sabendo que a própria realidade dos fatos linguísticos é posta em cheque tantas vezes quanto somos confrontados com a dinamicidade do falante.

Acreditamos que pensar no que acontece com a linguagem, as línguas e o falante, nos condiciona a refletir questões quanto a técnica e nos fundamentamos que as concepções epistemologicamente fortalecem o pensamento crítico nas diversas teorias preocupadas com a questão aquisição da linguagem.

Nesse aspecto, pensar no que acontece com a linguagem, a língua e o falante, nos obriga a refletir sobre as bases epistemológicas que fundamentariam uma clínica que comporta reflexões oriundas da interlocução entre a Fonoaudiologia e a Linguística, quando o que está em jogo é a linguagem e o sujeito que sofre pelo efeito de uma condição sintomática.

Aproximamo-nos de uma clínica que destaca o papel constitutivo da linguagem

ao considerar a importância do sujeito e a sua relação com a linguagem, para pensar em uma clínica enunciativa, herdeira da tradição benvenistiana, na qual falar é sempre falar para o outro e onde o sujeito se refaz se tornando efeito a cada novo uso da língua.

Compreender o “erro” como algo singular da linguagem do sujeito é essencial para elevar os estudos sintomáticos ao nível descritivo linguístico que interessa aos envolvidos na clínica fonoaudiológica. A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

REFERENCIAL TEÓRICO

Herdeiro do estruturalismo europeu, Benveniste ressoou as ideias saussureanas, partindo de uma leitura atenta do Curso de Linguística Geral (CLG). O pesquisador resgata de Saussure (1975) uma linguística da significação, faz referência direta às contribuições saussureanas e trata do problema linguístico inserindo novos conceitos, modificando métodos descritivos, noção de referência e seus consequentes desdobramentos nas dimensões semióticas e semânticas. (NORMAND, 1996, 1997; STUMPF, 2010; NUNES, 2011).

Émile Benveniste, em Problemas de Linguística Geral 1, diz que a linguística tem um duplo objeto: ciência da língua e da linguagem. O que o filósofo tem em mente ao propor esse duplo objeto da linguística? Ele claramente se diferencia da ideia de Saussure no que diz respeito ao objeto da linguística.

Trois (2004) destaca que Benveniste busca romper a barreira dos estudos da significação trazendo a subjetividade na língua, que preenche, de forma única, o vazio no interior saussuriano, conservando seus fundamentos e ultrapassando-os em outros pontos. De acordo com Stumpf (2010), na obra póstuma dos alunos de Saussure a fala é excluída da questão da língua e linguagem. Isso marca de forma contundente a separação do social e o individual na proposições no CLG. Muito embora alguns manuscritos do genebrino foram achados recentemente e mostram que Saussure não teve tempo de acabar um esboço de pensamento que contemplasse a fala.

Para Benveniste a linguagem é fonte de conhecimento da cultura de um povo, do mundo, que a prática de forma organizada, concebendo muitos tipos de descrições e regras estruturantes e sistemáticas, que são condicionantes de uma determinada língua.

A partir de suas leituras sobre as conferências de Saussure, Benveniste procura trabalhar com o sujeito na estrutura linguística, propondo uma teoria subjetivista da linguagem, na qual há um sujeito que faz uso da língua e a atualiza. A subjetividade na linguagem trata do eu que se constitui na linguagem e pela linguagem; não é, simplesmente, o homem, nem o locutor.

(...) ele [Benveniste] encontrava, necessariamente, o sujeito que fala e dá (ou pensa dar) sentido. Como lhe dar lugar com todo rigor? Em 1969³, uma solução: ele o elimina completamente do semiótico (sistema de sinais fechado, na tradição saussureana), para introduzi-lo no semântico, porque sem sujeito não há função predicativa, não há frase. (NORMAND, 1996, p.145) [acréscimo nosso]

Normand (*idem*) atribui a Benveniste a passagem da noção não questionada na linguística do sujeito falante, o homem, à noção explicitamente problemática de sujeito da enunciação ou de enunciação, termo, no entanto, inutilizado por Benveniste. É o deslocamento do objeto linguístico que em Saussure centrava-se na língua para um destaque dado à linguagem dentro da linguística, que possibilita os estudos sobre o sujeito na linguística.

O homem está na língua. Essa máxima de Benveniste trata do homem na linguagem e esse lapso tem um valor heurístico que, para Flores (2017), trata-se de uma asserção o homem está na linguagem, que não é a mesma coisa de dizer que o homem está na língua. A alternância entre língua e linguagem que Benveniste permite primeiro que pensemos que há uma indissociabilidade entre homem, linguagem e língua e segundo que o homem está na linguagem, colocando o sujeito, ser falante, no centro da sua reflexão.

A inserção do estatuto do sujeito nos estudos da linguagem por Benveniste, ao lado das discussões sobre a significação, referência e a própria enunciação, premissas da epistemologia benvenistiana, permeiam o ambiente clínico fonoaudiológico costurando relações entre os atores, o espaço e o tempo clínico.

No texto de 1966, ‘A forma e o sentido na linguagem’, Benveniste afirma que o caráter primordial da linguagem é significar. E significar é atribuir um sentido a algo. Para esse autor “o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores.” (BENVENISTE 2006, p.222) Ou seja, o critério para determinar se algo significa ou não é estabelecido pelos sujeitos, ‘eu’ e ‘tu’ no discurso, em referência a algo no presente da cena enunciativa.

(...) este ato de discurso que enuncia eu aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele

3 Normand se refere ao ano de publicação do texto “Semiologia da língua”, encontrado na obra de Benveniste Problemas de Linguística Geral II.

realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos. (BENVENISTE, [1965](2006), p.68)

A pessoa em Benveniste é aquela própria do par eu/tu e está relacionada à condição de sujeito. Na interlocução os pronomes caracterizam a atualização da língua pelos locutores, marcando os movimentos do sujeito no discurso, a cada nova tomada de posição. No texto intitulado “A natureza dos pronomes” de 1956, Benveniste (2005) afirma que “é identificando-se como pessoa única pronunciando eu que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’” (*idem*, p.280), em oposição a um ‘tu’.

Benveniste afirma que não há necessidade da presença real e do lugar objetivo no espaço ou no tempo dos pronomes, para que ocorram os movimentos intersubjetivos. Contudo, é preciso que os locutores se apresentem como eu ou como tu no discurso. Ao lado dos indicadores de tempo e espaço, os pronomes pessoais ‘eu’ e ‘tu’ compõem a categoria da dêixis representativa da subjetividade na linguagem.

Para Flores (2019), em termos epistemológicos, sempre que encontramos a linguagem, encontramos o falante e as línguas, essa ideia supõe que é da natureza do homem a propriedade de falante, em outras palavras, a linguagem é uma propriedade humana e pode ser aprofundada nos preceitos teóricos de Benveniste, que diz que há uma relação constitutiva entre homem e linguagem.

O ponto de chegada da discussão é que a epistemologia de Benveniste inaugura uma cisão do que já era conhecido na linguística. Concordamos com Fiorin (2017, p. 971), que “a questão mais importante que Benveniste formula, em seus estudos de linguística geral, é aquela que possibilita passar da língua para a fala” e suscita um conjunto de categorias: a pessoa, o espaço e o tempo, que Benveniste vai chamar de aparelho formal da enunciação.

Benveniste (2005, p.17) diz que ‘a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento de interação’. Podemos considerar que a tríade linguagem, língua e falante, nos possibilita considerar as respostas do falante, autista ou não, como sujeito imperativo, aquele que intervém, ou seja, o sujeito da enunciação em suas situações reais de uso da língua.

Diante da evidência enunciativa, acreditamos que ela é necessária às línguas, pois todas precisam ser enunciadas, torna-se uma necessidade, visto que as categorias de pessoa, tempo e espaço assumem formas específicas em diferentes línguas. É necessário que todas as línguas apresentem em sua organização uma configuração gramatical que comporte as categorias da enunciação, mas é contingente a cada língua os termos pelos quais essa configuração se organiza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma clínica de base enunciativa, conforme anunciado na introdução, constrói-se a partir dos cortes epistemológicos herdeiros da tradição benvenistiana, destacando o papel constitutivo da linguagem ao considerar a importância do sujeito e a sua relação com a linguagem. É um espaço onde falar é sempre falar para o outro e onde o sujeito se refaz se tornando efeito a cada novo uso da língua.

Poderíamos dizer que se insere no grupo de uma clínica de linguagem que comporta reflexões oriundas da interlocução entre a Fonoaudiologia, a Linguística e a Psicanálise, com destaque para a noção de sintoma quando o que está em jogo é a linguagem e, conseqüentemente, o espaço clínico e o sujeito que sofre pelo efeito de uma condição sintomática. (ARANTES e FONSECA, 2008)

Barros (2011, p. 56), apoiando-se nos estudos de Benveniste, considera que “o sujeito se constitui pela linguagem, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio da fala ou ao fazer uso de outros sinais (gestos, expressões corporais, figuras...) e firma sua presença, habita a linguagem, tornando-se efeito dela”. Portanto, podemos afirmar que somente o sujeito torna real a linguagem. Vejamos as cenas enunciativas a seguir na qual Estênio⁴, uma criança com 7 anos de idade e com diagnóstico de autismo, está diante de sua fonoaudióloga:

Quadro 1: Ecolalia, neologismos e vocalizações

1	Fonoaudióloga	Criança	Cena enunciativa
2		Eu vi o sapo na beira do rio de camisa verde	A criança senta na mesa infantil, pega o dominó, retira as peças, separa-as sem uma aparente categorização e as empilha, em um movimento ritmado e estereotipado, acompanhado da canção tipicamente infantil.
3		Posso guardar? Posso guardar?	Continua com a atividade ritmada

4 Nome fictício utilizado para preservar a identidade da criança.

			sem olhar para a fonoaudióloga.
4	Pode. Tu queres guardar o quê?		
5		Pichu, pichu, pichu, pichu	A criança fala baixo.
6	Que foi? Tu tá feliz é?		
7		UUUUUUUU	3 segundos após o enunciado da interlocutora, a criança vocaliza gritando.
8	Que foi Estênio?		
9		(tchili) AEEE	Bate com uma peça de dominó sobre a mesa

Fonte: BARROS, 2006, p. 59.

A clínica enunciativa possui um entendimento da relação sujeito/autista/linguagem. Nesse ambiente não se desconsideram as produções languageiras uma vez que todas comportam a enunciação do sujeito autista, conforme observamos no discurso da interlocutora da criança em aceitar as produções singulares como próprias ao sujeito. As ecolalias (linhas 1 e 2), o neologismo (linha 5) e as vocalizações (linhas 7 e 9) representam a ação do sujeito que atualiza a língua a cada uso, desse modo, se enuncia.

Como não considerar o neologismo como algo singular do sujeito que se enuncia? No autismo ou em qualquer ser falante, o neologismo inova, marca, representa e acima de tudo, significa. Afinal este fato enunciativo evidencia a emergência do falante, que por um processo de significação é responsável pela operação discursiva. O conceito de linguagem para Benveniste afirma, então, o surgimento da pessoa e sua própria construção da consciência.

Pelo viés enunciativo encontramos lugar para firmar a posição de falante do autista. Ou seja, nas desconstruções sintagmáticas há uma ação individual em colocar o sistema linguístico em funcionamento de modo particular e, conseqüentemente, se enunciar. Não estamos falando em entendimento do discurso, mas da condição de sujeito na clínica fonoaudiológica, a partir da qual, será possível acreditar em uma saída do isolamento autístico na linguagem. A cada turno discursivo os locutores se apresentam ora como 'eu' ou como 'tu' marcando, assim, os movimentos intersubjetivos.

A língua não é vista como um código, mas como signos que estabelecem diferentes relações dentro de um sistema aberto, que expõe significações observadas durante o fenômeno da fala dos sujeitos que ali estão implicados.

Quadro 2: A linguagem ao som do vento

	Fonoaudióloga	Criança	Cena Enunciativa
1	quer o vento só para você é Estênio? (40s)		Na sala de atendimento fonoaudiológico, a criança posiciona o ventilador de mesa colocando a base voltada para si.
2		uuuUUUUIII (vá embora) fique aí	
3	você quer que o ventilador fique aqui parado? fique aqui parado venti-lador (3s) mexa não!		

Fonte: BARROS, 2006, p. 103.

Percebemos no quadro 2 o deslize na linguagem da criança que passa de vocalizações a produções espontâneas. O contexto enunciativo, caracterizado pelos indicadores dêiticos de tempo, espaço e pessoa permitem que o interlocutor certifique o papel de enunciador de Estênio.

Assim como as palavras que voam no vento, uma vez posta em uso, as construções linguísticas jamais serão as mesmas, ou seja: a enunciação é irrepetível.

É assim que uma vocalização como tantas que podem surgir no discurso de um sujeito autista, a exemplo da que ocorre na linha 2, pode ser tomada como o ‘som do vento’ e ser inserida no contexto enunciativo, compondo um fantasioso diálogo com o ventilador presente no discurso da fonoaudióloga, a partir da observação do movimento de vai e vem do ventilador de mesa presente no discurso da criança: vá embora, fique aí.

Toda relação traz consigo um sentido, de modo que a linguagem no autismo pode ter um sentido de não-linguagem ou de linguagem sintomática de acordo com a perspectiva epistemológica que ronda o processo terapêutico. Esse é elemento essencial para pensarmos a relação entre um sujeito, que é autista, a linguagem e a clínica.

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. (BENVENISTE, 2006, p.223)

Da mesma forma como foi apresentado no quadro 1, a linguagem da criança autista na clínica fonoaudiológica de base enunciativa significa algo, quando o interlocutor, procura construir amarras discursivas que comporão uma possível cadeia dialógica. Os sentidos errantes comportam a história dos sujeitos.

As produções linguísticas no autismo inovam, marcam, representam e acima de tudo, significam. Os fatos enunciativos evidenciam a emergência do falante, que por um processo de significação é responsável pela operação discursiva. O conceito de linguagem para Benveniste afirma, então, o surgimento da pessoa e sua constituição subjetiva.

Consideramos em face do exposto, que não conseguimos perceber a fala do autista noutra lugar, que não seja dentro da linguagem. Afinal, os conceitos e as representações dos signos linguísticos encontram-se presentes na fala do autista através das desconstruções linguísticas singulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a epistemologia científica que subjaz a teoria da linguagem benvenistiana nos proporciona, dentre várias possibilidades, refletir o sujeito autista numa perspectiva positivista do conhecimento da origem da experiência linguística do falante. A grande inovação do pensamento de Benveniste, particulariza o uso da linguagem como algo típico do humano, além de abrir grande leque de possibilidades para constituir objetos de investigação.

Acreditamos que o viés enunciativo norteia a clínica fonoaudiológica do autismo a fundamentar sua teoria e prática partindo da aposta de que o autista organiza sua própria experiência humana de forma peculiar. Concluímos que a instância enunciativa, que permite o funcionamento da língua através das categorias de pessoa, tempo e espaço, fundada pelo falante e seu interlocutor, é um campo fértil à ser estudada pelo fonoaudiólogo, que por sua vez, precisa concebê-la como universo de possibilidades de manifestações linguísticas inerentes à natureza do homem.

A linguagem dentro de uma clínica, que tem como objeto uma forma singular de organização do sistema linguístico, comporta a enunciação. Trata-se de olhar para a clínica a partir do que falta ou excede na linguagem representada na inscrição de cada sujeito em particular.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Lúcia Maria Guimarães; FONSECA, Suzana Carielo da. **Efeitos da escrita na clínica de linguagem.** Estilos da Clínica. vol. XIII, nº 25, 2008, p.14-35.

BARBISAN, Leci Borges. **Língua e fala: Conceitos produtivos de teorias enunciativas.** Letras hoje. Porto Alegre, v. 39, nº 4, p. 67-78, 2004.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo Barros. **Os ecos da fala na clínica fonoaudiológica.** Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem. Recife: UNICAP/PPGCL, 2006.

BARROS, Isabela Barbosa Rêgo. **Da língua e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem.** Tese de doutorado em letras. João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2011.

BARROS, Isabela Barbosa Rêgo, FONTE, Renata Fonseca Lima da, SOUZA, Ana Fabrícia Rodrigues de. **Ecolalia e gestos no autismo: Reflexões em torno da metáfora enunciativa.** Forma y Función. Colombia, v.33, nº I, p. 173-189, 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I.** 5 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II.** 2 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas.** Gragoatá. Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 13 - n. 1 - p. 9-18 - jan./abr. 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KANNER, Leo. **Autistic Disturbances of Affective Contact.** Nervous Child. n. 2, 1943.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; FONSECA, Suzana Carielo da. **Linguística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias.** Letras hoje. v. 36, p.433-439, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1975.

STUMPF, Elisa Marchioro. **Saussure e Benveniste: Ultrapassagem ou rompimento?** ReVEL, vol. 8, n. 14, 2010.

NUNES, Paula Ávila. **Émile Benveniste, leitor de Saussure.** Cadernos do IL. Porto Alegre, nº 42, junho de 2011, p. 51-63.

TROIS, João Fernando de Moraes. **O “retorno a Saussure” de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação.** Letras hoje. Porto Alegre, v. 39, n° 4, p. 33-43, 2004.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. *In:* OLIVEIRA, Sergio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana. **O falar da linguagem.** São Paulo: Lovise, 1996.

NORMAND, Claudine. Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé. **Linx. Revue des linguistes de l’université Paris X Nanterre.** v. 9. | 1997. Disponível em:< <http://journals.openedition.org/linx/964> mis en ligne le 03 juillet 2012> Acesso em: 19 abr 2019.

